

Esperanto

A língua internacional facilita ao máximo a comunicação entre os povos e elimina a hegemonia de um idioma sobre qualquer outro. O cérebro deste milagre da cultura universal foi Luís Lázaro Zamenhof.

J. Rodrigues da Silva

DIZ A Bíblia que a Divindade bateu forte e feio no género humano, ao cortar pela raiz os primeiros assomos de arrogância dos nossos antepassados. Pretendiam equiparar-se a Deus e congeminar erguer uma torre tão alta que chegasse ao céu. Os trabalhos corriam de feição, mas o criador espreitava a oportunidade de lhes dar um ensinamento exemplar. Infundiu nos artífices um linguajar estranho, e isso foi o diabo, porque daí para a frente ninguém se entendia. O episódio não alude a cenas pouco edificantes, mas é de crer que devem ter andado ao muro uns com os outros antes do cancelamento da obra, tão grande seria a balbúrdia e confusão. E Deus, lá no alto, a divertir-se perante o esquema que tinha engendrado!...

A história bíblica reporta-se a uma era antiquíssima e só pode interpretar-se, como é óbvio, em sentido figurado. Entretanto, as línguas multiplicaram-se no mundo e originaram um problema muito sério para o entendimento humano. É um facto que a diversidade dos idiomas maternos constitui um travão de peso na comunicação entre os povos.

Que bom seria..., terá pensado Luís Lázaro Zamenhof, médico polaco de origem judia, *se houvesse uma língua neutra, fácil e acessível a toda a gente!*...

Se bem o pensou, melhor o fez. Zamenhof vivia perto de Varsóvia e sentiu a agudeza do problema na sua terra, onde se falavam quatro idiomas: polaco, alemão, hebraico e jidish (o alemão falado pelos judeus). Grande poliglota, assinou artigos na imprensa local com o pseudónimo «Esperanto» (aquele que tem esperança), deu forma ao seu projecto e criou uma língua



a voz universal do entendimento

Esperanto

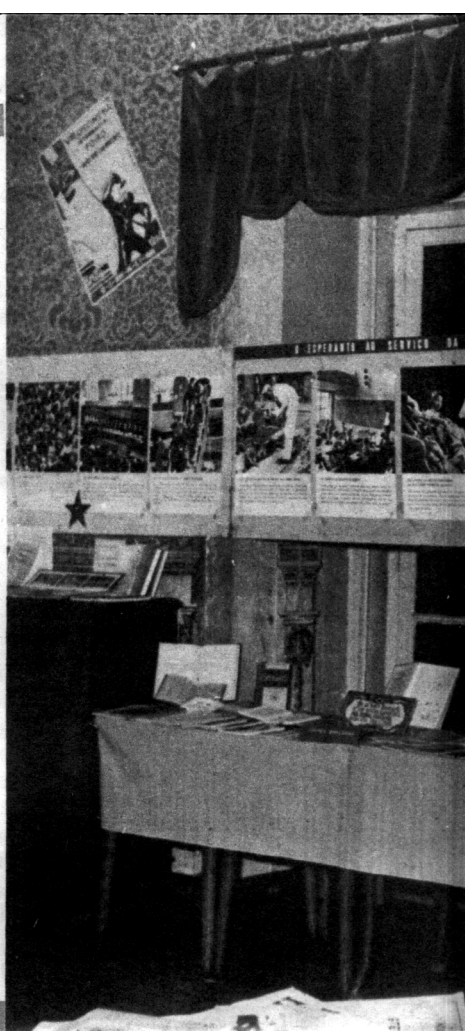
artificial em 1887, ano em que publicou o primeiro manual de esperanto. Assim nasceu a língua internacional, estruturada com vocabulário latino (60 por cento), germânico (30 por cento) e eslavo (dez por cento). A maioria das palavras tem raiz latina, porque o mundo era dominado culturalmente pela civilização ocidental, onde preponderava o francês.

Hoje pode afirmar-se que o esperanto é um língua viva que se estuda em todos os países do mundo, aos mais diversos níveis. E está demonstrado que os povos têm ao seu dispor um instrumento precioso que facilita a comunicação e o entendimento universal e que satisfaz, na prática, as necessidades do homem moderno nos seus contactos internacionais.

Língua neutra recomendada pela UNESCO

O esperanto não pretende substituir-se às línguas nacionais, mas apenas constituir um segundo idioma para o mundo civilizado. Como língua neutra, não confere privilégios a qualquer país em detrimento dos outros, deixando-os todos em pé de igualdade e não permitindo que o inglês seja preferido às outras línguas, como outrora sucedeu com o francês. Por outro lado, dadas as suas características propedêuticas, o seu estudo facilita bastante a aprendizagem dos outros idiomas, disseram ao DN o dr. Correia Coimbra e o coronel Gonçalves Pires, presidente da direcção da Associação Portuguesa de Esperanto e o responsável pelo pelouro da comunicação social do mesmo organismo, respectivamente.

A Associação Universal de Esperanto mantém relações consultivas junto da UNESCO, entidade que já por duas vezes recomendou o estudo da língua aos Estados membros da ONU, por contribuir para a cooperação internacional nos domínios educativo, cultural e científico.





Exposição bibliográfica de Esperanto em Lisboa, no Palácio Foz

Que se saiba, não é disciplina obrigatória em país algum, mas é cadeira de opção na maioria deles, havendo leitorados nessa especialidade, cursos de licenciatura e teses de doutoramento. O esperanto é hoje uma nova cultura, que se mantém viva e palpitante, despertando cada vez mais o interesse e a curiosidade das pessoas, tendo em conta a utilidade prática do seu estudo. Mais de um milhão de pessoas se entretêm, por essa via, no mundo inteiro; os Papas consideram-na factor de união para os católicos; Paulo VI estudou esperanto na sua juventude e tem sido patrono de congressos universais;

e as obras-primas da literatura mundial encontram-se traduzidas nessa mesma língua.

Pode, além do mais, ser aprendida em muito menos tempo do que os outros idiomas, graças à simplicidade da gramática e à sua pronúncia, que faz lembrar o italiano. Funciona à base de um radical e desenvolve-se por um método engenhoso de prefixos, sufixos e desinências. Tem apenas 16 regras fundamentais, sem excepções; as palavras são todas graves, tem seis declinações verbais (em português serão 2500 e em inglês 1500); os substantivos terminam em *o*, os adjectivos em *a*, os advérbios em *e*, o infinito dos verbos em *i* e os plurais em *j* (*i* breve).

Em resumo, qualquer pessoa medianamente culta tem, à partida, no nosso país, 60 por cento do vocabulário. A aprendizagem é fácil e muito rápida, e só é de estranhar que o seu estudo nunca tenha sido imposto como obrigatório, ao lado de outras línguas, como o francês e o inglês.

Congresso nacional em Outubro

A nível internacional, o acontecimento esperantista de maior envergadura relacionado com esta língua é o Congresso Universal de Esperanto, que se realiza desde 1905, apenas com interrupções nas duas guerras mundiais. O deste ano vai decorrer em Varsóvia, em fins de Julho e princípios de Agosto, durante uma semana. É o congresso do jubileu, comemorativo do centenário do lançamento do primeiro manual de estudo, em 1887.

No nosso país, os grandes divulgadores da língua internacional foram o alferes miliciano Saldanha Carreira, o médico Costa e Almeida (autor do nosso primeiro manual, em 1896), Luzo Bemaldo, Álvaro Pontes, Adolfo Tre-

mouille, Adolfo Nunes e Manuel Teixeira, este último ainda vivo.

Estaline proibiu o estudo do esperanto na União Soviética, Hitler fez o mesmo em relação à Alemanha e Salazar seguiu-lhes na pegada nos anos 30. Só em 1972 é que Marcelo Caetano permitiu a criação da Associação Portuguesa de Esperanto, e um ano antes autorizou o ensino dessa língua a requerimento do seu actual presidente da Associação. Durante muitos anos não se ouvia falar do esperanto em Portugal, e ainda hoje há muita ignorância a tal respeito. A proibição, disseram-nos, fundamentava-se no perigo que representava para o Estado Novo a importação de ideologias políticas de outras paragens, e, por outro lado, na facilidade da aprendizagem da nova língua. Hoje, a Associação encontra-se em fase de desenvolvimento, tem sede em Benfica (Rua Dr. João do Couto, 6, r/c-A — 1500 Lisboa), promove cursos, edita manuais de estudo, mantém em funcionamento uma biblioteca itinerante de leitura gratuita e publica há 14 anos a «Revista Portuguesa de Esperanto», que é bilingue e tem boa aceitação no estrangeiro.

E se a nível mundial há revistas e jornais em esperanto, edições literárias, políticas, técnicas e científicas e programações regulares em rádios diversas, em Portugal também há núcleos espalhados de norte a sul, que trabalham com iniciativas válidas; realizam-se encontros anuais de esperantistas; fazem-se conferências, dão-se cursos livros de estudo (manuais, dicionários), sendo diversos os autores traduzidos para esperanto, como Camões, Bocage, Antero, Pessoa, Torga, Namora, Rodrigues Miguéis, Gomes Ferreira e António Feijó.

Há alguns anos editou-se uma antologia de contos de escritores portugueses contemporâneos, e está em formação a cooperativa Saluton!, que vai construir uma casa de férias e outra de cultura (inscrição de cooperadores na Rua do Miradouro, 12 — 2735 Cacém).

Para este ano (celebrações do jubileu), vai decorrer na Sociedade de Língua Portuguesa o I Congresso Nacional de Esperanto, em 2, 3 e 4 de Outubro; serão editadas as obras «O Mandarim», de Eça, e «Esperanto sem Fronteiras», do dr. Alves de Moura, e reeditados dicionários; decorrem até 30 de Abril os I Jogos Florais da Língua Internacional e o I Rádio Contest, de banda do cidadão, até Outubro.

Enquanto isso, no próximo sábado será inaugurado no Barreiro um monumento com o medalhão de Zamanhof, na praça do mesmo nome, construído pela respectiva Câmara Municipal, por iniciativa do núcleo de esperantistas daquele meio operário. □



Imagem de um congresso realizado em Gijón, Espanha